



RELATÓRIO TEMÁTICO | VOL. 2

IMPACTO QUE NASCE NO TERRITÓRIO

Companhia
de Impacto



São Paulo



Sumário

IMPACTO QUE
NASCE NO TERRITÓRIO

- 03** Introdução
- 04** Capítulo 01:
O papel do empreendedorismo
de impacto nas periferias
- 18** Capítulo 02:
Investimento em empreendedorismo
periférico para o desenvolvimento de
comunidades e suas culturas
- 29** Conclusão
- 31** Agradecimentos e créditos

INTRODUÇÃO

Este relatório, segundo volume de uma série que busca aprofundar os debates realizados durante o Impacta Mais, é baseado na trilha temática **“Inclusão produtiva, empreendedorismo periférico e desenvolvimento territorial”**.

Reúne reflexões, aprendizados e casos concretos que mostram como o empreendedorismo nas periferias tem se afirmado como **força de transformação social, cultural e econômica**.

Os painéis desta trilha mostraram que investir no empoderamento econômico não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma estratégia para **impulsionar inovação, fortalecer comunidades e transformar territórios**.

O que se destaca nesses diálogos é a urgência de repensar métricas, modelos de investimento e políticas públicas para **reconhecer e potencializar o protagonismo das periferias**.

Assim como no primeiro volume, este relatório não pretende ser um resumo, mas uma síntese crítica e inspiradora, que amplifica as vozes do território e convida a todos, sejam investidores, empresas, governos e sociedade civil, a se engajar na **construção de um ecossistema mais equitativo**.

Mais do que falar sobre as periferias, trata-se de **aprender com elas**.



PABLO HANDL
Diretor

pablo.handl@impacthub.net
impacta.mais@impacthub.net

CAPÍTULO 01

**O papel do
empreendedorismo de
impacto nas periferias**

A large, abstract, light purple shape with a smooth, curved edge, located in the bottom left corner of the slide.



O empreendedorismo tem se consolidado como uma das mais potentes ferramentas de transformação social nas periferias brasileiras. Ao **combinar soluções inovadoras com compromisso territorial**, ele não apenas gera renda e empregos, mas também cria novas formas de organização comunitária, fortalece identidades culturais e promove justiça social.

Durante o Impacta Mais 2025, esse tema foi debatido no painel “O papel do empreendedorismo de impacto nas periferias”, com a participação de lideranças que têm vivenciado, na prática, **os desafios e as potências de empreender a partir da margem.**

Cinco vozes que representam diferentes frentes desse ecossistema trouxeram reflexões potentes:

- **Juliane Freitas**, gerente de projetos da Fundação Grupo Boticário
- **Thiago Vinícius**, empreendedor social da Agência Solano Trindade
- **Camila Oliveira**, diretora executiva do Salto Inclusão Produtiva
- **João Vitor Caires**, fundador e diretor-executivo do Instituto KondZilla
- **Marcelo Silva Rocha** (DJ Bola), CEO da A Banca



O debate mostrou que empreender na quebrada é um ato político, que desafia narrativas dominantes de sucesso e ressignifica a ideia de impacto. Ao longo das falas, emergiram temas centrais: **a disputa por escala e narrativa, a urgência do acesso a capital e crédito justo, a valorização da cultura como motor econômico e a necessidade de investidores e instituições aprenderem a ouvir o território.**



Empreender na periferia é sobre reorganizar o mundo a partir do território

“Empreender na periferia é um ato político. É sobre reorganizar o mundo a partir do território.” A fala de Thiago Vinícius, da Agência Solano Trindade, sintetiza a essência do debate: **empreender nas bordas da cidade não é apenas uma estratégia de sobrevivência econômica, mas um projeto coletivo de transformação.**

Ele destacou que, nas periferias, os empreendedores não se orientam apenas por métricas financeiras. Seu impacto é medido também pela capacidade de gerar pertencimento, dignidade, segurança alimentar e acesso à cultura.

Para ele, quando se fala em impacto, é preciso olhar para indicadores que fazem sentido no cotidiano das comunidades. “Se uma família consegue deixar uma casa como herança para os filhos, isso é impacto. Isso é escala.”



A fala chama atenção para uma redefinição de métricas: enquanto no mundo corporativo “escalar” significa atingir milhões de usuários, **nas periferias “escalar” pode significar romper ciclos de pobreza e exclusão em nível familiar e comunitário.**

Esse olhar coloca no centro questões que raramente aparecem em relatórios de investimento: patrimônio geracional, segurança alimentar, autoestima, pertencimento. O impacto, nesse sentido, é estrutural, não apenas social.

Empreender na periferia é um ato político e coletivo.

“Não dá pra falar de ESG se você não conhece o G da quebrada”



Redes de apoio e confiança são o motor do ecossistema

Outro ponto central do debate foi a importância das redes de apoio, confiança e articulação comunitária. Camila Oliveira, do Salto Inclusão Produtiva, reforçou que **empreender nas periferias exige um olhar para as barreiras estruturais**: baixa escolaridade, ausência de acesso a crédito, racismo estrutural e desigualdade de gênero.

Ela defendeu que programas de aceleração precisam respeitar os tempos, as linguagens e os contextos dos territórios, atuando como facilitadores de desenvolvimento e não apenas de escalabilidade.





“Não adianta falar de pitch se o empreendedor ainda não acredita em si mesmo”, disse. O

trabalho do Salto Inclusão Produtiva parte justamente da construção de autoestima e reconhecimento, para depois avançar em ferramentas de gestão e acesso a mercado.

Camila alertou também para os riscos de programas de aceleração que tentam enquadrar os empreendedores em lógicas externas: “Se a gente força uma tradução que não cabe, o negócio perde a essência. E o território perde junto”.

Programas de aceleração precisam respeitar o tempo, a linguagem e a realidade dos territórios.



Impacto que nasce da cultura e da comunicação

João Vitor Caires, do Instituto KondZilla, trouxe para a conversa a perspectiva da comunicação como motor de impacto. O KondZilla, que nasceu como produtora de vídeos de funk, se transformou em um ecossistema que impulsiona narrativas periféricas e gera oportunidades para jovens artistas e criadores.

Ele destacou que o funk, a moda, a estética e a linguagem das quebradas são ativos econômicos e culturais que **precisam ser valorizados como parte do ecossistema de impacto.**

“O funk é potência econômica, estética e cultural. Mas, para muitos, ainda é visto como problema. A gente mostra que é solução, que pode abrir portas para milhares de jovens”, destacou.

O Instituto KondZilla atua como um vetor de primeira oportunidade para jovens que encontram no audiovisual, na moda, na música e na comunicação não apenas trabalho, mas **reconhecimento e pertencimento**. O impacto não é medido apenas em contratos, mas na **capacidade de contar outras histórias sobre a periferia**.

“Empreender com impacto é dar palco para que outras histórias possam existir”

O ecossistema de impacto precisa reconhecer e valorizar os ativos culturais e comunitários das periferias.



O impacto não é só social: é estrutural

Para Juliane Freitas, da Fundação Grupo Boticário, apoiar o empreendedorismo de impacto nas periferias é reconhecer que **o investimento social privado precisa ir além de projetos pontuais e filantrópicos.**

Ela ressaltou que, para o setor privado, **investir nas periferias não é filantropia, é uma estratégia de desenvolvimento territorial, com efeitos diretos sobre a economia local, sobre cadeias de valor e sobre o futuro do país.**

Ela defendeu **mecanismos de apoio de longo prazo, que fortaleçam a estrutura dos negócios e das organizações.** Isso inclui desde acesso a crédito e capital paciente até mentorias consistentes, apoio técnico e inclusão em cadeias de valor corporativas.



Juliane também destacou que empresas e fundações precisam rever seus modelos de parceria, reconhecendo que muitas vezes os maiores gargalos não estão na inovação do negócio, mas na infraestrutura básica para que ele possa sobreviver e crescer.

O ecossistema de impacto precisa reconhecer e valorizar os ativos culturais e comunitários das periferias.





Cultura, arte e economia como instrumentos de regeneração

Fechando o painel, DJ Bola, da A Banca, provocou o público com a ideia de que “**não existe impacto sem cultura**”. Para ele, o empreendedorismo periférico precisa estar conectado à produção cultural, à memória coletiva e à construção de narrativas de esperança.

A Banca, organização que atua há mais de 20 anos na zona norte de São Paulo, desenvolve projetos de formação de jovens como alternativa ao ciclo de violência, com geração de renda e articulação política com base na cultura hip-hop. “A gente não quer só sobreviver, a gente quer viver bem, com dignidade, com arte, com afeto e com futuro”, afirmou.

Bola provocou também os investidores: “A gente não precisa de mais editais que façam os negócios se desviarem do que são. Precisamos de crédito justo, acompanhamento e contratos reais de mercado”. Ele defendeu que o ecossistema precisa aprender a apostar nos empreendedores do território sem tentar moldá-los à sua imagem.

Crédito paciente e contratos de mercado são mais transformadores do que editais pontuais.

A conversa reforça que apoiar o empreendedorismo de impacto nas periferias exige humildade institucional, paciência e reconhecimento do território como protagonista. Além de acelerar negócios, é sobre fortalecer ecossistemas que já existem, mas que precisam de capital, visibilidade e condições justas para crescer.



CAPÍTULO 02

**Investimento em
empreendedorismo
periférico para o
desenvolvimento de
comunidades e suas culturas**

O empreendedorismo periférico é muito mais do que geração de renda: ele é **identidade, cultura e estratégia de sobrevivência.**

Investir nesses negócios é investir em soluções criativas que surgem da base da pirâmide, onde as pessoas transformam desafios em oportunidades e **fazem do coletivo a força para seguir em frente.**

O painel “Investimento em empreendedorismo periférico para o desenvolvimento de comunidades e suas culturas” reuniu especialistas e lideranças que mostraram, na prática, **como o investimento em iniciativas de periferia pode redefinir territórios e dar voz a quem historicamente foi silenciado:**

- **Vitor Hugo Neia**, diretor-geral da Fundação Grupo Volkswagen
- **Pedro Verda**, diretor executivo da Verda e articulador do Territórios Regenerativos Mata da Várzea
- **Marcos Lima**, conselheiro do Comitê de Sustentabilidade do Pacto Global da ONU Brasil
- **Daise Rosas da Natividade**, presidenta do CRIAR e da REAFRO
- **Bruno Girardi**, diretor vice-presidente da Sitawi

A urgência de furar a “bolha da bolha”

Bruno Girardi, da Sitawi, que desenvolve soluções financeiras inovadoras para impacto socioambiental positivo, abriu o painel lembrando que **o acesso a capital continua profundamente desigual**: empreendimentos fora da periferia têm até 37 vezes mais facilidade de captar recursos do que os negócios periféricos.

Essa assimetria reforça a exclusão e perpetua desigualdades. “Estamos aqui para discutir como furar a bolha da bolha: levar investimento de impacto a quem mais precisa e menos recebe”, destacou.



37x mais difícil

O capital inicial dos negócios da periferia (R\$ 19 mil) é 37 vezes menor do que o dos negócios fora da periferia (R\$ 712 mil, em média).

Fonte: Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da FGV (FGVcenn)



Do MEI ao MEF: empreender é coletivo

Daise Rosas, representando o CRIAR e a REAFRO, trouxe uma provocação potente: **os modelos tradicionais não dão conta da realidade periférica**. Se o MEI foi um avanço, agora é hora de pensar no “MEF”, o Microempreendedor Familiar. Não apenas o núcleo doméstico, mas o coletivo do território, como quilombos, comunidades ribeirinhas ou urbanas que compartilham saberes e redes de apoio.



Para ela, não basta formar, é preciso investir. E **investir de forma que respeite a lógica comunitária**, com políticas públicas interseccionais que contemplem gênero, raça e território.

“Nós não somos uma célula isolada. Comunidade é comunidade. O que nos move é o coletivo”



Empreender é negócio, não assistência

Marcos Lima, do Comitê de Sustentabilidade da ONU Brasil, reforçou que **o empreendedorismo periférico precisa ser visto como negócio real, não como política de assistência.**

Ele compartilhou sua trajetória no Complexo do Alemão e ressaltou o papel da educação como política pública estruturante, mas ainda desigual no acesso e na qualidade.

Para ele, o desafio está em transformar exceções individuais em regra coletiva, com **políticas eficazes e mecanismos que tratem a periferia como indutora de desenvolvimento, e não apenas receptora.**

Jornada completa: do capital semente ao acesso a mercado

Vitor Hugo Neia, da Fundação Grupo Volkswagen, apresentou a visão da fundação sobre mobilidade social e inclusão produtiva como motor de mudança.

Para enfrentar a realidade de um país onde os mais pobres levam, em média, nove gerações para alcançar a classe média, a instituição aposta no que chama de jornada completa: apoio técnico, capital semente, bolsas para mães solo, acesso a crédito, redes de apoio psicossocial e, principalmente, abertura de mercado.

9 gerações

podem ser necessárias para que os descendentes de uma família brasileira que está entre as 10% mais pobres alcancem a renda média do país.

Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

Mulheres em Movimento: iniciativa surgida de uma demanda comunitária, voltada a mulheres negras e mães solo que precisam de apoio para conciliar cuidado com filhos e geração de renda.

Costurando o Futuro: há 15 anos, reaproveita materiais da cadeia automotiva para criar moda sustentável, capacitando empreendedoras que hoje fornecem inclusive para o Grupo Volkswagen, provando que a inclusão pode gerar negócios competitivos.



Desenvolvimento territorial com identidade

Pedro Verda, do Territórios Regenerativos Mata da Várzea, trouxe a experiência de um programa que conecta investimento, cultura local e vocações produtivas.

Atuando no Recife, o projeto nasceu da escuta ativa e só ganhou visibilidade após dois anos de convivência no território. O resultado foi a descoberta de uma vocação coletiva para a agricultura urbana, já transformada em negócios de impacto como o Várzea Composta, que realiza compostagem doméstica e comercial.

Para ele, desenvolvimento territorial exige intersectorialidade: articulação entre empresas, poder público, sociedade civil e organizações locais.

**“Não é um
programa de
responsabilidade
social de uma
marca.
É um programa
da Várzea para a
Várzea”**

Mulheres negras no centro da transformação

Voltando ao debate, Daise destacou a desigualdade de gênero e raça como barreira estrutural. Apesar de terem o maior nível de escolaridade e menor índice de inadimplência, **mulheres negras continuam com menos acesso a crédito e a políticas de apoio.**

Isso cria um ciclo de autossabotagem induzido por uma estrutura social que historicamente as colocou em segundo plano. Ela defendeu a implementação de políticas interseccionais e lembrou:

“Empreendemos por necessidade, mas precisamos ser valorizadas por nossos saberes e potencial de transformação”.

Mulheres negras: mesmo mais qualificadas, são menos apoiadas.



Do risco percebido ao risco real

Marcos retomou a fala destacando a importância de mecanismos inovadores de financiamento, como os **blended finance, que combinam recursos filantrópicos e de mercado** para mitigar riscos e atrair investidores ao empreendedorismo periférico.

“É preciso diferenciar risco real de risco percebido. Na prática, negócios comunitários têm menor inadimplência do que muitos projetos convencionais”, completou Bruno Girardi, reforçando o argumento.



O futuro do investimento periférico

O painel deixou claro que investir em empreendedorismo periférico é investir em **negócios de impacto que carregam potência cultural e coletiva**.

É olhar para o território como protagonista, não como beneficiário. É construir modelos de financiamento inovadores, políticas públicas interseccionais e ecossistemas colaborativos que transformam desigualdades em oportunidades.

O Brasil empreendedor está nas periferias, e reconhecê-lo é o primeiro passo para um desenvolvimento verdadeiramente inclusivo e sustentável.

CONCLUSÃO

Os debates desta trilha mostraram com clareza que o futuro do desenvolvimento no Brasil passa, necessariamente, pelas periferias. É nelas que se encontram a criatividade, a resiliência e as soluções que respondem aos maiores desafios sociais e econômicos do país.

Mais do que gerar renda, o empreendedorismo periférico reorganiza dinâmicas sociais, fortalece identidades culturais e cria novas formas de pertencimento. Ele redefine o que entendemos por impacto e exige que instituições, investidores e governos ampliem seus referenciais: escala, aqui, não é sobre milhões de usuários, mas sobre a capacidade de transformar gerações.

Ficou evidente também que apoiar esses empreendedores requer novas formas de pensar financiamento, políticas públicas e modelos de parceria. É preciso oferecer crédito justo, capital paciente, apoio técnico e acesso a mercados, mas, sobretudo, é necessário reconhecer a potência do território e permitir que ele seja protagonista da sua própria transformação.

Este relatório é um convite a ampliar o olhar. As periferias não são apenas espaços de vulnerabilidade: são centros de inovação, cultura e produção de futuro. O investimento nelas não é caridade, mas uma estratégia inteligente de desenvolvimento inclusivo e sustentável.

O desafio agora é coletivo: transformar aprendizados em compromissos e compromissos em ação.

AGRADECIMENTOS E CRÉDITOS

Agradecemos a todas as pessoas e organizações que participaram do Impacta Mais 2025 e que vêm contribuindo com ações concretas para um futuro mais regenerativo e inclusivo.

Este e-book é resultado da escuta ativa, da colaboração e do compromisso coletivo com um Brasil mais justo, diverso e sustentável. Que este conteúdo possa inspirar novas práticas, novas alianças e novas histórias de impacto.



FONTE DO CONTEÚDO Trilha temática “Inclusão produtiva, empreendedorismo periférico e desenvolvimento territorial” - Impacta Mais, realizado nos dias 19 e 20 de março de 2025, em São Paulo.

CURADORIA E ADAPTAÇÃO Kaísa Martins

DESIGN Heitor Cameu e Isabelle Freire

REVISÃO Regiane Souza

COORDENAÇÃO Eduardo Zdanowicz